

A Importância da Leitura para a Produção da Escrita

SANTOS, Edmilson de Santana
edmilson.ssantana.poeta@gmail.com

REIS, Genicelma Maria dos
genycelmareis@hotmail.com

OLIVEIRA, Eliane Vasconcelos. Graduada em Letras / Português, pós-graduada em Língua Portuguesa, professora do curso de Letras / Português da Universidade Tiradentes UNIT.
elianeoliveira@unit.br

RESUMO

Este trabalho desvela “A Importância da Leitura para a Produção da Escrita”. Considerando o tema apresentado como ponto chave para desencadeá-lo. Surgiu da necessidade de pesquisar sobre o assunto pautado.

Diante da problematização que versa “Leitura e escrita”, pode-se dizer que o domínio da linguagem escrita implica tanto no conhecimento quanto no reconhecimento de como o uso dessa linguagem funciona, ou seja, o aluno no processo de aprendizagem é portador de cuidados específicos, quando se fala de leitura e escrita.

Adendo a esse trabalho pode-se dizer que o aluno para ser capaz de ler e escrever, significa ser capaz de usar socialmente o texto, procurando adequar-se ao mecanismo da língua escrita.

Palavras-chave: Escrita. Específicos. Leitura. Problematização.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho designa-se a refletir sobre as possibilidades quanto à importância da leitura para a produção da escrita. Apoiado nesse pressuposto e ao mesmo tempo consciente da necessidade que versa o termo “Leitura e escrita”, pode-se dizer que a criança desde o seu nascimento, lê o mundo e procura significados para as coisas que o rodeia.

Considerando o tema como ponto chave para o desencadeamento desse trabalho, é correto a afirmação que o seu afloramento se propaga por meio de leituras diversas, embasadas em pressupostos metodológicos de teóricos, da psicopedagogia como: Paulo Freire, Vygotsky, Gardner, Emília Ferreiro, Bakhtin, Ferdinand de Saussure, Mary Kato, Irlandé Antunes, Celso Pedro Luft, e também nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Partindo do ponto de vista desses pensadores, pode-se dizer que o domínio da linguagem escrita implica no conhecimento ou reconhecimento de como o uso dessa linguagem funciona, ou seja, de “como se escreve e para quê se escreve”. Para isso, tanto o educador quanto o educando, devem estar conscientes de que esse mecanismo requer esforços e dedicação, em outras palavras, o indivíduo para dominar tanto a leitura quanto a escrita, precisa considerá-los como exigências necessárias para o mundo contemporâneo, e propiciá-los como aquisição de conhecimento, desenvolvimento de habilidades e valores inerentes à qualidade de vida, já que, além de ler e escrever, é preciso que alunos e professores encontrem oportunidades de: indagar, questionar, e ter iniciativa de autonomia, para informar-se e continuar aprendendo e estabelecendo relações do conhecimento adquirido prevendo etapas para realizar tarefas e descrever o próprio pensamento.

Fonte: Paulo Freire, Vygotsky, Gardner, Emília Ferreiro, PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais).

De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Para formar um leitor competente é preciso:

“[...] formar alguém que compreenda o que é lido; que possa aprender a ler também o que está escrito, identificando elementos implícitos; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos”. PCNs (LÍNGUA PORTUGUESA, 1997 p.52).

Ou seja, o ato de ler é um processo que tem que ser moldado às claras, não como um simples processo de decodificação, mas como parte de um conjunto entre interpretação e produção da escrita.

Segundo os grandes pesquisadores da educação Morais e Albuquerque: A criança que vive em ambientes ricos, experiências de leitura e escrita, não só se motiva para ler e escrever, como também desde cedo, começa a refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor. (MORAIS e ALBUQUERQUE, 2004).

É justamente com base nesse contexto que pode-se cobrar do professor que utilize recursos didáticos adequando a sua sala de aula à realidade do seu educando, para que estes, possam se adequar, no convívio escolar e social como bons produtores, tanto da escrita quanto da oralidade com a participação do hábito da leitura.

A PRÁTICA DA LEITURA

Ensinar a ler vai muito além de ensinar a decodificar palavras expressas em textos, uma vez que a leitura é uma atividade que versa a produção de sentidos e desenvolve a oratória do indivíduo leitor dando-lhe o direito de opinar, olhar para o texto e expressar sua opinião como um leitor crítico.

Para Gadotti: “A leitura crítica abre a questão do ensino crítico,... Essa consciência crítica do leitor, do professor e do aluno é o verdadeiro motor da continuidade da busca do saber,...”. (GADOTTI, Moacir, *Pedagogia: diálogo e conflito*, 1980, p.114).

Com esse pensamento pode-se dizer que o trabalho com a leitura objetiva confrontar o leitor com as diferentes características da linguagem escrita em leituras que apresenta diversos propósitos, tais como: ler para se divertir ou para obter informações, para seguir instruções ou memorizar e ainda, ler para aprender.

Familiarizando-se com as letras, com as palavras, com as frases e outras marcas que compõem os textos, como por exemplo, “símbolos e gravuras”. Procurando saber se as estratégias de ensino e prática estão sendo eficientes e eficazes quanto o necessário.

O espaço da sala de aula deve ser um espaço de formação de leitores. Um espaço com muita leitura. Leitura das crianças, leitura do professor. Leitura de livros, jornais, panfletos, músicas, poesias e do que mais se tornar significativos. (BARBOSA, 1990).

Quanto à prática da leitura pode ser destacada pelo menos quatro (04) que compõem suas modalidades: leitura silenciosa, leitura dirigida, leitura interrompida e leitura dramatizada.

A leitura silenciosa é o contato em que o indivíduo mantém com o texto que fundamenta a sua compreensão e domínio da escrita; A leitura dirigida salienta ao orientador indagar o leitor e pedir-lhe que faça citações do que mais o chamou a atenção no dado momento em que lia; A leitura interrompida trata de interrompê-la para fazer um questionamento das idéias e características que o texto apresentar. E por fim: A leitura dramatizada que pode ser usada em sala de aula pelos alunos, onde o professor objetiva a sua contribuição para desinibir os seus educandos e torná-los expressivos ao mesmo tempo que críticos e desenvoltos na inteligência corporal.

INTERAGINDO COM A ESCRITA

Para Irlandé: “A atividade da escrita, é então, uma atividade interativa de expressão, (ex-, “para fora”), de manifestação verbal das idéias, [...], ou dos sentimentos que querem partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele. (IRANDÉ, 2003, p.45).

Desde os tempos remotos o homem primitivo sentiu a necessidade de se expressar tanto individualmente quanto no convívio social, por meio de seus escritos pictográficos. Isso significa dizer que há muito tempo atrás, o homem já usava a escrita como forma de se comunicar, nos dando a entender que esse procedimento alfabético tem propiciado em processo crescente à valorização da cultura escrita tanto quanto a condição imprescindível da sua oratória.

Quanto ao papel do professor, nesse sentido, é contribuir para o desenvolvimento do seu aluno no convívio com a escrita, como um ato de consciência, visando demonstrar seu conhecimento do mundo traduzido em signos, para que, os educandos sigam-lhes na trajetória da língua falada e escrita, como objetivo a ser alcançado, aprender a escrever, uma vez que o papel do professor como mediador dessa prática é o desenvolvimento da articulação gráfica do seu aluno.

Segundo Luft escrever é o ato de: “Representar por meio de letras”. (LUFT, Celso Pedro, 1921-1995, p.338, n.º 1).

Como diz Irlandé: “Escrever sem saber para quem é, logo de saída, uma tarefa difícil, dolorosa e, por fim, é uma tarefa ineficaz, pois falta a referência do outro, a quem todo texto deve adequar-se”. (IRANDÉ, Antunes, 2003, p.46).

Sendo assim, o ato de escrever, é a maneira mais viável para que a escrita seja registrada, e de maneira considerável, ao ponto de ser vista, principalmente por quem escreveu, como um processo de registro dos seus pensamentos, considerando a coesão e a coerência do texto ao mais global sentido sem lhes faltar o encadeamento lógico das idéias ou a correta transição dos parágrafos e períodos para a garantia da contextualidade daquilo que foi produzido e chegar à completude das idéias.

NECESSIDADES DA PRÁTICA DA ESCRITA

Segundo Irandé:

“A escrita corresponde a uma outra modalidade de interação verbal: a modalidade em que a recepção é adiada, uma vez que os sujeitos atuantes não ocupam, ao mesmo tempo o mesmo espaço. Além disso, há um lapso de tempo, maior ou menor, entre o ato de elaboração do texto pelo autor e o ato de sua leitura pelo leitor”. (IRANDÉ, 2003, p.51).

Sendo assim. Tanto quanto à leitura, a linguagem escrita também tem suas modalidades e não acontecem sem que estas estejam em conexão, uma vez que o foco do ensino da escrita é o ato de escrever. Para tanto é necessário: Ter um ambiente que estimule o registro da escrita; Aceitação dos erros como um aprendizado; Rascunhar, procurar ler e reelaborar idéias; Utilizar-se do número de linhas que julgar necessário, não limitando-se do espaço físico da escrita para não correr o risco de tornar o texto pobre sem o envolvimento de idéias que foca um objetivo; Fazer interferências planejadas para avaliar o texto quanto ao tema apresentado, seja ele escolhido ou dirigido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que esse conjunto de objetivos que envolve a educação tenha êxito, a iniciação tanto à prática da leitura quanto a da escrita se dar por meio de exercícios mecânicos. É

preciso que essa prática esteja referida a textos e contextos significativos, uma vez que o domínio da linguagem escrita implica na compreensão do funcionamento e do uso dessa linguagem (como se escreve e para quem se escreve). E para dominar esse mecanismo é preciso que se conheça as letras e estabeleça relações entre os sons da fala e os sinais gráficos que os representem. E assim, é possível concluir que ler e escrever é uma necessidade que o homem desvela ao longo de sua existência enquanto aprendiz, desde que o professor busque subsídios e reveja estratégias motivadoras que além de detectar os erros, ajude o aluno a reformular suas hipóteses lingüísticas e possa acompanhar o ritmo que o ambiente escolar lhes proporcione.

REFERÊNCIAS

ABAURRE GNERRE, M.B.M. et alii. **Leitura e escrita na vida e na escola**. In: *Leitura: Teoria e Prática*, 4(6), 1985, p.15-26.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro e Interação** / Irandé Antunes, - São Paulo: Parábola Editorial, 2003 (Série Aula; 1).

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1990. 159 p. (Col. Magistério 2º grau. Série Formação do professor).

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. B 823 p. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997. 144 p.52.

FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: Diálogo e Conflito**, 6ª edição. Cortez Editora, 1980, p.114.

HARA, Regina. **Ler, escrever, contar: Construção de cartilha para alfabetização de adultos**. São Paulo: CEDI, 1990. 133 p.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LUFT, Celso Pedro, 1921-1995, Minidicionário Luft / Celso Pedro; Colaboradores Francisco de Assis Barbosa, Manuel da Cunha Pereira; organização e supervisão Lya Luft. 21. Ed. São Paulo: Ática, 2005.

MARUNY CURTO, Luís et alii. **Escrever e Ler: Materiais e recursos para sala de aula**. Porto Alegre: Artmed. 2000 (vol. I e II).

NEVES, Iara Conceição (org.). **Ler e Escrever Compromisso de todas as Áreas**. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2001.